

DESPREPARAÇÃO PARA A MORTE

BOZZETTI, Roberto.

Rio de Janeiro, Texto Território: 2017. (78 páginas)

Marcelo Diniz Martins

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Já no título, o mais recente livro de Roberto Bozzetti, *Despreparação para a morte* (Texto Território: 2017) anuncia o núcleo forte de seu tema predominante: a morte e o procedimento diante da. Topos relevante da tradição da lírica ocidental, perfaz a formulação de uma ética implicada na estética e na escrita de si, que se expressa desde Pierre Ronsard (*Adieu chers compagnons, adieu mes chers amis, je m'en vay le premier vous preparer la place*) a Manuel Bandeira, em sua “Consoada”. Se em Ronsard, no contexto mais dramático de seus seis últimos sonetos compostos no leito aflitivo de morte, pode-se ler a aventura salvífica da assinatura (*C'est fait j'ay dévidé le cours de mes destins, j'ay vescu j'ai rendu mon nom assez insigne, ma plume vole au ciel pour estre quelque signe/loins des appas mondains qui trompent les plus fins.*), formulando etos clássico do legado e do testamento, o tom menor de Bandeira insinua o etos da escrita moderna, menos heróico e prosaicamente irônico: *Alô, Inludível*. A tirar pelo título do terceiro livro de poemas de Roberto Bozzetti, o procedimento poético proposto parece remeter a essa longa história da ironia moderna entre a escrita poética e a morte.

A *despreparação* é o procedimento. Além do sentido propriamente de negação, o prefixo *des* parece desdobrar o rendimento de significado que explora a “Toada” de Bandeira: *Nunca antes me sentira/tão desinfeliz assim!/É que ando dentro da vida/sem vida dentro de mim*. Remete, portanto, tanto à negação quanto à intensificação do procedimento. Despreparar-se para morte parece significar, a um só tempo, a adoção da crítica e da desautomatização dos ritos e clichês implicados nas práticas envolvidas com a morte e o procedimento mais adequado, a preparação mais intensa para a experiência extrema, a experiência inominável da

morte. Tudo é como se, diante da inexorabilidade da experiência paradoxal da morte, diante da impossibilidade de antecipá-la pelo verbo e de só se poder antecipá-la como ficção, a experiência poética se encontrasse no impasse entre a narrativa e o projeto ético possível. Se a morte se configura para o moderno com a experiência do impasse da palavra diante da experiência inominável, da qual a palavra não retorna, a palavra possível é o desarme, o desguarnecimento, a despreparação, a exploração da crise que a representação experimenta diante do real sem verbo. Pode-se afirmar que, deste jogo ambivalente do prefixo, a poesia de Roberto Bozzetti parece extrair o humor amargo da ironia e da auto-ironia, social e metapoética, em que a escrita da poesia é assumida segundo certo horizonte narrativo ambíguo, cujo resultado, sua assinatura, seriam os restos antecipados de seu inevitável fracasso.

Trata-se de um assunto e de um procedimento poéticos. A tensão entre o dizível e o indizível, a dramatização da escrita e da assinatura e sua duplicação como procedimento performativo do poema já se encontram na escrita de Roberto Bozzetti desde seu primeiro livro, *A tal chama o tal fogo* (Oficina Raquel: 2008) em que o poema “Traços” explora, com forte dicção concretista, a captura e fuga de um peixe/feixe de letras que se revela disperso como assinatura na última página do poema. “Traços” é a rasura do poema, seu esboço, sua reescritura anagramática e icônica, espacializado por 12 páginas, incluindo a mallarmaica página em branco, em que a escrita poética dramatiza a captura do incapturável e o poema se oferece como resto, índice de um poema perdido. O mesmo *mîs-en-scène* da escrita em ato, encontra-se no poema que dá título a seu segundo livro, *Firma Irreconhecível* (Oficina Raquel: 2009). Suas setenta páginas de verso mobilizam a paronomásia e o anagrama como chave paralogica de um curso contínuo considerando o tema da assinatura e suas implicações com a morte (*Lapidar/como se a lápis assinasse/para sempre: Descanse em paz*). O que se encontra em *Despreparação para a morte* parece ser um movimento mais concentrado da atenção poética para o tema da morte, desdobrando da tensão da palavra diante do que escapa à representação, certo humor que se lança como sentido da poesia e do contexto histórico de sua prática.

É sob essa perspectiva que combina o topos da morte e da assinatura como oportunidade de reflexão e exploração do sentido da poesia e da história que se pode observar a metáfora arquitetônica que se elabora em *Despreparação*. As seções que começam e terminam o livro marcam

fortemente a localização do tema e o sentido estruturante: UMBRAL e ÁTRIO. Trata-se das seções propriamente metapoéticas do livro, em se pode ler o autor como leitor da própria escrita e de seu contexto e a reflexão acerca do sentido histórico dessa prática. A autoironia, em Roberto Bozzetti, se apresenta não como ponto de chegada, mas de partida, no *umbral do livro*, indiciado no título de seu primeiro poema: *Autocrítica com dedicatória*. O poema dedicado à persona do autor autodeclara-se, nos primeros versos, sob a condição de epígono, que é elevada ao paradoxo do anacronismo : *de tão moderno/anacrônico//cheguei lá: já não estavam* (p:11). O *umbral do livro* se apresenta como limiar de sepulcro, cujo humor machadiano termina o poema como paródia de epitáfio: (*poética / pós/ / tuma // jaz/ / ligo / provisório*). Autoironia e autocrítica é o que comparece no segundo poema da seção, *Poética desconfortável*. A ideia do projeto arquitetônico se apresenta metonimicamente (*o compasso/o esquadro/a conta – p.13*) propondo a associação entre arquitetura e poema dentro da clave cabralina do engenheiro, no entanto, conferindo no poema a defasagem entre projeto e o resultado, reiterando a *autocrítica* do impuro e da derrisão: *o que me cabe/é caco* (p:14). O terceiro poema da seção apresenta a autoronia expandida aos pares, aos comensais da mesma consoada, e a crítica narcísica do mundo literário: *ou apenas a dedicatória/ num apenas versinho do confrade mais célebre* (p :15). A primeira seção de *Despreparação para a morte* parece consistir nas considerações do impasse da poesia com a morte que, da morte do autor, expande-se para a morte da própria poesia no contexto histórico, como se evidenciasse os riscos do solipsismo da linguagem entre as ruínas do projeto moderno na construção do legado ou da intervenção/transformação da história.

Parece responder a esse impasse do solipsismo os versos que iniciam o último poema que perfaz a seção ÁTRIO, ao fim do livro: *um verso no qual se entre/e ao sair se esteja no mundo* (p:73). O longo poema parece consistir na desconstrução da própria alegoria arquitetônica que extrema o livro, tensionando as referências literárias entre o projeto da engenharia civil cabralina e a aventura roseana de Riobaldo. Do *umbral* ao átrio, a arquitetura do livro oferece apenas lugares de passagem, em que a dinâmica do dentro e do fora, a ideia de habitação se desmontam como ilusão: *e disse mais, tudo vem da ilusão//de se habitar no construído/como se não, como se fosse/de importar se se entra ou/sai aqui a ilusão é a da travessia* (pp: 74/75). A estrutura do discurso, em diálogo indireto, parece lançar todo o poema na dimensão ao mesmo tempo do

sonho e da especulação do próprio poema: a dimensão do sonho se dá na possível interlocução que o poema sugere (Cabral ? Rosa? Mallarmé?) e das associações inusitadas (*e perguntou: o que sabe//você de galápagos? e do/monte appaloosa? e de jogos/malabares ? - p :73*); a dimensão especulativa se dá pelos termos do próprio encadeamento do diálogo, o interlocutor dirigindo, corrigindo e definindo o objeto intuído pelo narrador, *o que tinha aí de arquitetura* (p: 73).

A arquitetura parece se oferecer, em um momento inicial, como metáfora de entrada; no momento final, como metáfora de passagem ou de ambiência. Antes de expressar a engenharia do poema, sua concatenação interna e consciente, a arquitetura entre *umbral* e *átrio*, no livro de Roberto Bozzetti, parece mais encaminhar o lugar da morte como lugar de convívio e errância da vida pública. A experiência da morte, em lugar de ser a oportunidade do solipsismo filosófico e estético, figura como a oportunidade da poesia política. As seções que se sucedem entre UMBRAL e ÁTRIO indiciam, pelos títulos, essa narrativa política que o livro encena: *MISANTROPIA*, *DEAMBULATÓRIO*, *PANFLETÁRIO* e *MÁ ENCOMENDAÇÃO*. É nesse percurso que se revela de modo mais franco o teor narrativo do livro, tanto nos índices do autobiográfico que elaboram sempre de modo difuso e ambíguo os registros factíveis do eu, (*eu tento seguir o conselho do velho/pai/mesmo no caminho para a força/deve-se olhar a paisagem* – do poema “Desditame”: p. 33) quanto na retórica da crônica social e da crítica política, em que a história contemporânea é a matéria do sarcasmo e da denúncia (toda a seção *PANFLETÁRIO*). É nesse espaço que se desdobram as vozes do livro: além da voz do autor, além da voz do *pai*, a voz das *senhoras católicas* (*num verbo castiço que a cidade vulgar/jamais entenderia* – p:50), a voz do senso comum do nacionalismo ralo de massa (*nossa própria sorte/nossa própria sina/de desobrigados//com muito orgulho/com muito amor* – p:53), a voz do recalcado social (*amanhã de novo me recolherão/e me desovarão//mas não me veem//em Altamira/em Serra Pelada/no ciberespaço/no lixo do shopping-limbo olímpico olvido* – p:52).

Recebido: 02/09/2017

Aceito: 07/06/2018